

MUJIN

saúde nos currículos escolares, criação de um novo órgão governamental para coordenar políticas relevantes de controle da obesidade, novos medicamentos para prevenção e controle da obesidade são algumas das demais propostas, de caráter secundário, sugeridas pelos integrantes do PorGrow.

MÚLTIPLA ABORDAGEM Para Erick Millstone, a metodologia foi bastante oportuna pois permitiu que os entrevistados não apenas pontuem as opções de políticas apresentadas, mas também que descrevam os critérios usados para formar o julgamento sobre elas. Além disso, o método permite a inclusão de opções sugeridas pelos entrevistados, não consideradas inicialmente pelos pesquisadores. O processo de avaliação é, contudo, mais demorado e oneroso. Foi preciso treinar os entrevistadores na forma de conduzir as entrevistas e sobre o uso do software. Cada entrevista durou, em média, meio dia, foi transcrita e entregue para aprovação do entrevistado antes de ser submetida à análise das equipes. Os resultados de cada um dos nove países foram cruzados até se chegar a um conjunto de políticas seriam as mais razoáveis para eles. Houve dificuldades em convencer pessoas a participarem do projeto e, como era de se esperar, o setor que ofereceu maior resistência foi a indústria alimentícia, segundo observou Millstone.

O coordenador diz que não é possível avaliar em quanto tempo a situação de obesidade poderia ser revertida a partir da implementação das políticas propostas pelo grupo. Ainda não há consenso em vários pontos, como: quais políticas devem ser adotadas no curto prazo; quais as regras para a rotulagem de alimentos; e nem quanto tempo as indústrias alimentícias precisam para mudar o rótulo de seus produtos. Millstone acrescenta que muitas questões não foram respondidas pelo projeto. “Os grupos que entrevistamos são profissionais de diferentes posições, mas não entrevistamos cidadãos comuns. Não entrevistamos mães, crianças. Então, não conhecemos o ponto de vista dos consumidores”. Em sua opinião, um estudo nesse sentido é necessário e, certamente, produziria resultados diferentes dos encontrados no PorGrow.

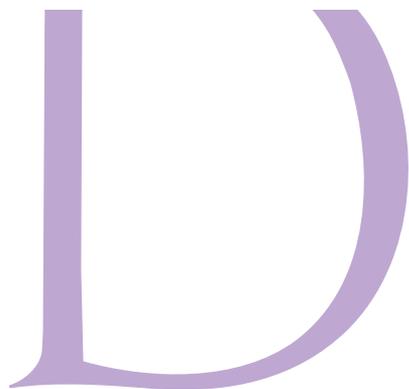
Simone Pallone

TECNOCIÊNCIA

São múltiplos os sentidos da política na atualidade

Os sentidos de política são múltiplos, como para várias outras palavras com significados culturais estabelecidos. Tanto pelos olhares da sociologia,

antropologia, ou mesmo da filosofia e da lingüística, pensar política é quase o mesmo de pensar o homem, com suas moralidades e éticas, ou seja, a construção da humanidade como algo essencial. Em situações limites como as atuais, em que vivemos nas fronteiras da violência, associar sentidos de política com contextos sociais em que a essência humana tem sido reconfigurada, perdida e ameaçada, foi um dos propósitos da instigante conferência “Towards a post-human international politics?” que ocorreu no Goldsmiths College da Universidade de Londres, em novembro do ano passado. Organizada pelo CRIPT (Contemporary Research in International Political Theory) especialistas do Reino Unido debateram trabalhos apresentados por professores universitários e estudantes de pós-graduação. O mote da conferência era problematizar os sentidos de pós-humano pela tecnociência, pela discussão a respeito de direitos humanos, cidadania e pela busca de alternativas aos significados de política em um novo contexto. Porém, o que mais se evidenciou foram reafirmações quanto ao necessário, prudente e saudoso retorno do sujeito da modernidade. Os trabalhos apresentados, em



Notícias do Mundo

sua maioria, assumiram crítica às narrativas da pós-modernidade, construídas pelas ciências humanas principalmente na França, que marcam o fim da história, a desconstrução dos sujeitos e da comunicação, e o descentramento do Estado como governo dos humanos. Como alternativas movimentaram o humano e o colocaram antes do pós-humano, e a discussão sobre política localizou-se nas já conhecidas e não menos perigosas palavras: democracia; linguagem única e fim da Babel; poder militar e constituição da nação; subjetividade e ordem.

Na mesa redonda que encerrou o evento, havia seis participantes e George Jabberwacky, um boneco virtual criado por uma empresa que trabalha com inteligência artificial. George interagiu com a platéia e com os demais componentes da mesa, deslocando as demarcações de humanidade que nele poderiam ser reconhecidas: vestuário, seus óculos amarelos e lentes verdes, e feições parecidas a Michel Foucault. Porém, o sofrimento foi o que George assumiu ter de mais humano.

Antonio Carlos Amorim

Professor da Faculdade de Educação da Unicamp, participou do evento com trabalho a respeito do cinema brasileiro e o jogo de representações do sujeito na multidão.



Rafael Evangelista

Um das maiores favelas de Nairobi, no Quênia, visitada por participantes do fórum

ENTREVISTA

Boaventura de Sousa Santos: atenção para questões básicas de defesa da vida

O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, um dos palestrantes mais frequentes do Fórum Social Mundial (FSM) acredita na força do evento como espaço promotor de diálogo entre diferentes movimentos. É desse diálogo que ele imagina estejam saindo as melhores respostas e alternativas ao capitalismo neoliberal, o que se convencionou chamar movimento contra-hegemônico.

Presente na última edição do FSM, em janeiro último no Quênia, o sociólogo falou sobre o diálogo intercultural que é preciso criar entre os movimentos, sobre o neocolonialismo que atinge os países pobres e sobre aquele que é um dos maiores problemas do continente africano hoje, a aids.

Qual a importância de se realizar um FSM na África?

A realização desse fórum no Quênia é uma das grandes vitórias do movimento, que se tornou um processo permanente. Ele teve a capacidade de sair de seu ninho original, que foi a capital gaúcha de Porto Alegre, no Brasil, o que muitos consideravam impossível. Mumbai, na Índia, em